

EM DESTAQUE



Bruno Bastos do Nascimento

Faculdade de Artes tem novos doutores

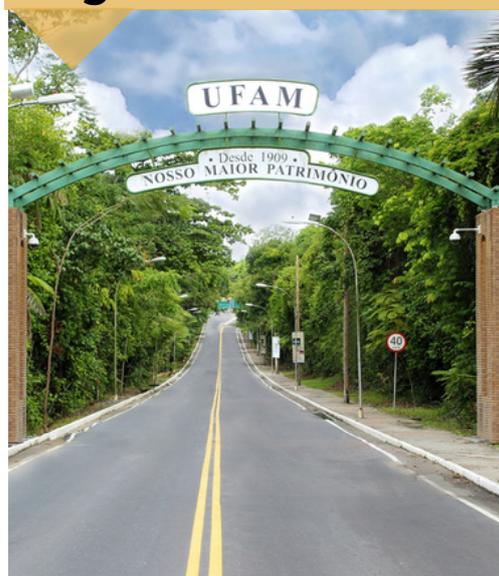
A Faculdade de Artes da Ufam tem três novos doutores em seu corpo docente. Dois deles voltaram há pouco tempo do doutoramento no exterior: o professor Damyan Yordanov Parushev finalizou o doutorado em Música na Universidade Nova da Bulgária, e o professor Bruno Bastos do Nascimento, que é membro da Academia de Música do Amazonas, concluiu o Doutorado em Artes Musicais (DMA) - Regência Orquestral pela Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA), nos EUA.

Já a professora Natasha Marzliak Norberto, membro mais recente do corpo docente da Faartes, aprovada em concurso público realizado em 2021, é doutora em Artes Visuais - Multimídia e Arte pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com intercâmbio de pesquisa em Cinema e Audiovisual na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne.



Natasha Marzliak Norberto

Ufam recebe terceira edição do Forcult Norte para discutir gestão cultural



A Ufam vai sediar a terceira edição do Fórum de Gestão Cultural das Instituições de Ensino Superior da Região Norte (Forcult Norte), no segundo semestre de 2022, uma parceria entre a Faartes e o Caua. O evento congrega representantes dos sete estados da região para discutir o papel das universidades enquanto instituições culturais.

O Forcult chega ao Amazonas em boa hora, já que a Ufam criou recentemente uma comissão para elaborar a proposta de criação da Política de Cultura e Esporte da universidade. A comissão é presidida pela diretora do Departamento de Assistência Estudantil (Daest), Profa. Karime Bentes, e tem representantes da Faartes entre seus membros docentes, técnicos e discentes.

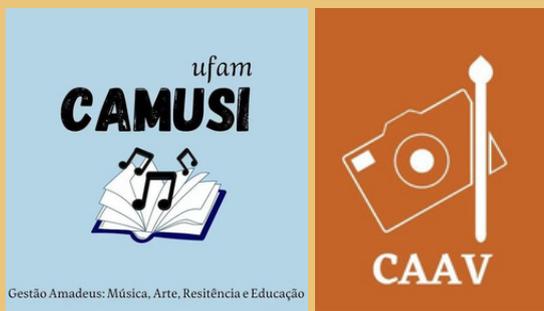
Homenagem dupla na Assembleia Legislativa

A Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas (Aleam) programou para o dia 28 de abril uma sessão solene em homenagem aos 50 anos de criação do Departamento de Música na Ufam, precursor da Faculdade de Artes, que por sua vez completou cinco anos em fevereiro de 2022. A propositura da homenagem é do deputado estadual Tony Medeiros, egresso da Faartes.

Alunos e alunas fortalecem representação nos Conselhos e Centros Acadêmicos

A Faartes tem novos representantes discentes em seus conselhos internos, instâncias importantes de deliberação e decisão dos assuntos de interesse para nossa comunidade acadêmica. No Conselho Diretor (Condir), temos: Luciane Martins (Lú Saturno) - Artes Visuais; Marcus Mello (titular) e Alexandre Castro (suplente) - Música. Nos Colegiados de Curso: Mayara A. da Cruz Jansen (titular) e Neiva Souza (suplente) - Artes Visuais; João Pedro Santiago (titular) e Reinaldo Barbosa (suplente) - Música.

Também merece destaque a movimentação discente por meio dos Centros Acadêmicos, que estão ativos e participantes. Acompanhe pelo Instagram: [@caavufam](#) e [@camusi.ufam](#).



Doutorado em Artes Visuais a partir de 2023

A Ufam assinou convênio para receber o Doutorado Interinstitucional (Dinter) em Artes Visuais, uma parceria entre a Faartes e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por meio do Instituto de Artes. Serão 25 vagas para atender docentes e TAEs da universidade e o público em geral. A seleção está prevista para o segundo semestre de 2022.



Coro de Câmara da Osufam retoma ensaios



Com direção e regência do Prof. Dr. Hermes Coelho, o Coro de Câmara da Orquestra Sinfônica da Ufam (Osufam) realizou audição para novos integrantes. Os ensaios tiveram início no dia 04 de abril e todos os aprovados terão um período de 30 dias de experiência antes de serem efetivados. O Coro de Câmara da Osufam foi fundado em abril de 2018 e apresenta obras de todos os períodos. Seus integrantes adquirem uma experiência musical ímpar, tanto em repertório quanto em qualidade sonora e execução.

Ufam forma novos profissionais de Artes Visuais e Música



No dia 29 de março, aconteceu a solenidade virtual de Outorga de Grau a 16 formandos dos cursos de Artes Visuais e Música. A cerimônia foi presidida pelo reitor Sylvio Puga: “Onde quer que vocês estejam, vocês serão os representantes de uma universidade pública e gratuita que procura fazer o melhor por vocês”, destacou. Licenciados em Artes Visuais: Annie Siddha Menezes de Souza, Deborah Viana Moura, Emanuelle Almeida Prado, Joab da Fonseca Franco, Junio da Silva Gonçalves, Lanna Caroline Lopes Paiva, Lorena Santos da Costa, Rayanne Cardoso de Castro, Shayane Luane de Souza Chaves. Licenciados em Música: Adivanei Vasconcelos Vieira, Franklin Raikar Penha Nascimento, Karen Francis Maia, Lucas dos Santos Gama, Mirna Santos da Cunha Schneider, Sibebe Ferreira Dias e Suamy Tavares Goncalves.

+MAIS

EXTENSÃO

Para este primeiro semestre de 2022, o Programa Escola de Artes ofertou 480 vagas em cursos livres, nas áreas de Artes Visuais e Música. Dessa vez, a formação está sendo realizada nas modalidades híbrida e remota.

NOVA TURMA

O Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes) iniciou nova turma, no mês de março. Ao todo, foram 17 candidatos aprovados, distribuídos nas áreas de Música, Artes Visuais e Artes Cênicas.

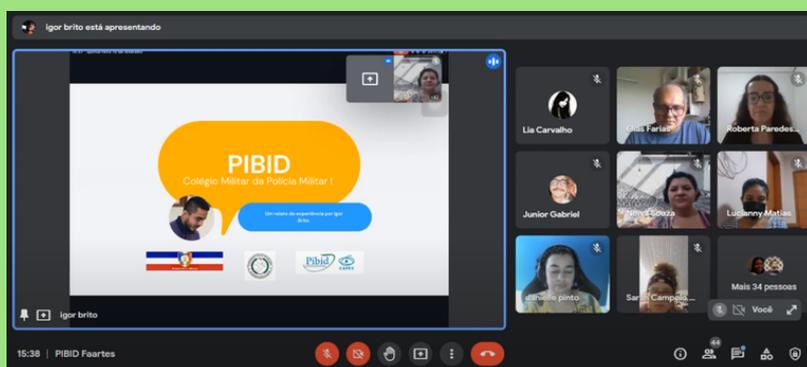
BOAS-VINDAS

A Faartes ganhou o reforço de dois novos técnicos, oriundos do processo de incorporação de empregados públicos da Infraero pela Ufam. Priscila Pinto Ribeiro e Francisco Ricardo Nogueira Magalhães estão atuando nas atividades administrativas da unidade.



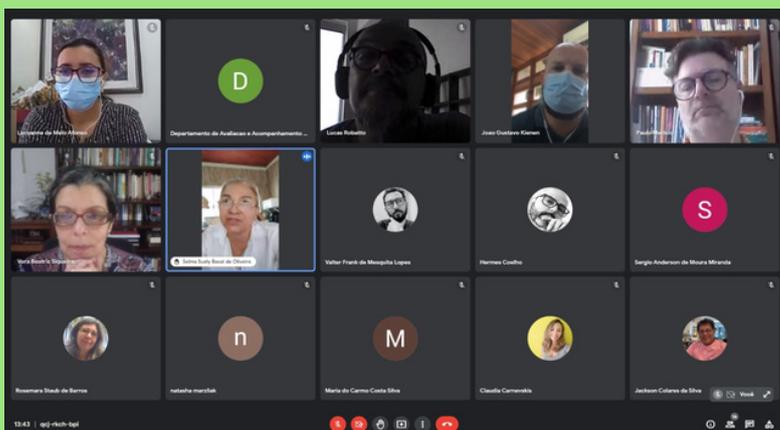
INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

Nos dias 17 e 18 de fevereiro, a Faartes promoveu o Encontro PIBID-Artes: Núcleos Artes Visuais e Música, que fez um apanhado das ações realizadas nos últimos dois anos. Durante o evento, discentes, professores supervisores da Semed e Seduc e coordenadores de área da Ufam trocaram experiências sobre o programa de iniciação à docência.



MESTRADO

A Faartes começou a discutir a proposta de criação de um mestrado acadêmico em Artes na Ufam, para atender à demanda do estado do Amazonas e da região norte. A direção da Faculdade já realizou as primeiras reuniões com os doutores do seu corpo docente e representantes da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Propesp/Ufam) e da Capes.



PERFIL

Victor Xamã

(@victorxama)

“Eu vim do Norte e vocês tentam buscar um Norte a vida toda” – com esse verso, o rapper amazonense Victor Xamã encerra a música “Noite de Núpcias”, single lançado no final de janeiro. A levada contestadora, que critica o olhar (ou a ausência dele) sobre a região Norte, está presente em outras tantas composições do artista, que tem levado sua bagagem cultural e de vida a outros eixos do Brasil.

No seu EP mais recente, “Calor” (2021), Xamã contou com

participações de Baco Exu do Blues, Froid e Nic Dias, nomes de destaque no rap nacional, e das conterrâneas Gabi Farias e Anne Jezini. O trabalho foi reconhecido como Melhor EP no Prêmio Inverso de Rap BR 2021, que também deu ao amazonense prêmios categorias Melhor Track e Melhor Track Collab (“I Can See The Sun” ft. Zudzilla).

Na entrevista a seguir, Xamã fala mais sobre as suas influências, trajetória e expectativas sobre a cena do rap brasileiro.



Crédito: Isa Hansen

Quem é Victor Xamã?

Um rapaz chamado Victor Garcia, de 26 anos, nascido em Manaus/Amazonas, com desejo de mudança, que gosta de estimular a criatividade e acredita no impossível. A palavra Xamã significa “aquele que enxerga no escuro”, e acredito que faço isso no momento da escrita e na hora da execução do que foi criado.



Crédito: Isa Hansen

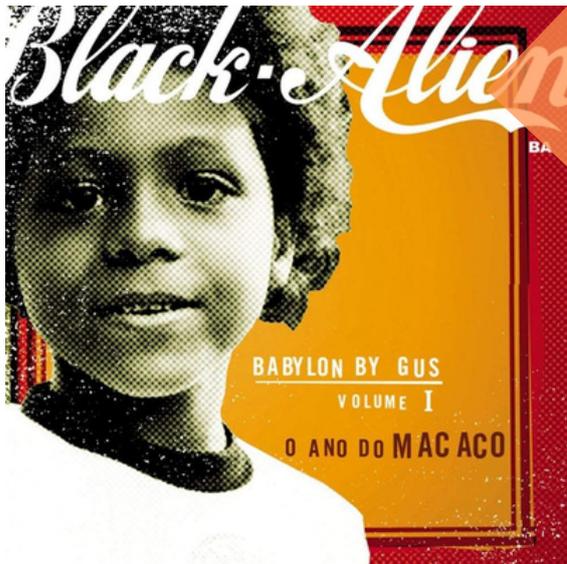
Qual a sua história com a música? Como o rap passou a fazer parte dessa história?

Venho de uma família muito musical, minha mãe sempre cantou pela casa alguns clássicos da música brasileira, minha avó Maria do Carmo já cantou no coral da Igreja Católica, segundo minha mãe, e meu tio Sérgio sempre chegava em casa com troféus de campeonatos de karaokê de bairro.

Eu, desde criança, sofro de disfluência, a famosa “gagueira”, e tinha muita dificuldade de me expressar e de fazer as pessoas prestarem atenção nas minhas ideias quando eu era mais novo. Foi quando surgiu a minha paixão pela escrita. Eu escrevia poesias, e assim sentia que conseguia me comunicar com mais facilidade. O meu desejo pelo rap veio no ritmo aliado com o artifício da poesia, que já era algo presente em mim de maneira desastrada, mas se fazia presente.

Quem você considera que foi essencial na sua formação/evolução como artista?

Esse mérito vai pro meu amigo de infância Davi Dutra. Passamos boa parte da nossa infância ouvindo e fazendo rap. Ele tinha esse sonho de ser rimador também, porém, por ironia do destino, seguiu a carreira do Direito.



Qual a sua parceria ou *feat* dos sonhos?

Sem dúvidas, é o Black Alien. Quando ouvi “Babylon By Gus, Volume 1: O Ano do Macaco” eu senti automaticamente vontade de fazer rap, foi meio espiritual a conexão com esse disco, a forma como o Gus pensa na rima, a levada, o surrealismo, a crítica e o flow. Esse álbum me inspirou e ainda me inspira muito.

Suas músicas fazem referência constante a Manaus e ao Amazonas. O que você busca dizer sobre esse seu lugar de origem?

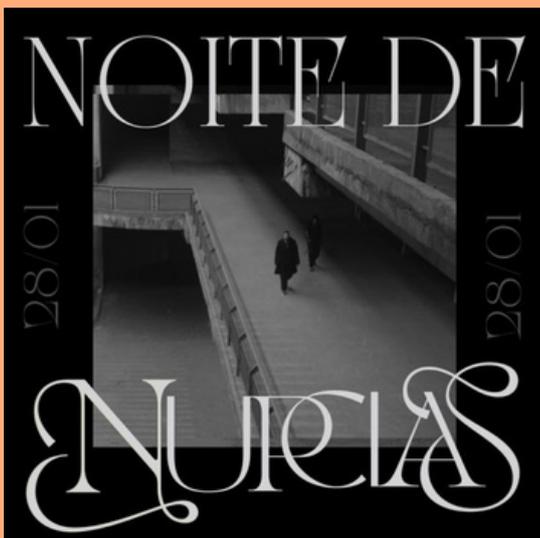
Quando mais novo, não era comum ter orgulho de ter nascido em Manaus. Às vezes, alguns conhecidos da minha mãe de outras localidades falavam da cidade com um tom de maldição, por ser muito cara a locomoção para outras regiões do Brasil, outras vezes pelo perigo, outras vezes pela falta de incentivo para os profissionais das mais diversas áreas. E por que eu falo de Manaus? É só você olhar em volta, essa dualidade está presente no indivíduo que vive na região, olha essa cultura, olha a força dessa gente! Eu queria trazer minha verdade pro meu rap e nisso eu precisava falar da minha casa, não de uma maneira caricata com um cocar e uma flecha com aquelas cores artificiais que vendem no aeroporto para turista comprar, mas colocar o Amazonas na minha rima, fazer diferente e ser diferente.



Capa do EP “Calor”, lançado em 2021.

Faixas como “Calor” e “Noite de Núpcias” partem da premissa de um Norte ainda invisível para o grande mercado da música brasileira. No ano passado, houve até uma movimentação nas redes sociais em torno desse assunto, após o Prêmio Multishow. O que falta acontecer para transpormos essas barreiras?

Profissionalmente, o que faltava acontecer já está acontecendo. Avançamos o nível técnico da produção de uma maneira assustadora. Temos artistas como Adanilo Reis atuando no filme “Marighella”, de Wagner Moura, temos artistas como Uýra Sodoma atraindo olhares do mundo para a Amazônia, fazendo arte, fazendo ativismo. O que atrapalha é o preconceito do Brasil com o Norte do Brasil. O que atrapalha é a falta de orgulho. O que atrapalha é a falta de apoio. O que atrapalha é você terminar o seu show, descer do palco e alguém falar: “Isso é tão bom que nem parece ser de Manaus”. Isso deveria ser crime, e o que atrapalha é pensar assim.



MURAL



DIVULGAÇÃO

Um site do leste europeu divulgou a gravação da ópera “A Noite do Castelo”, de Carlos Gomes, apresentada em 2011, no Teatro Luiz Otávio Burnier, em Campinas (SP). A direção artística e regência foi do maestro Hermes Coelho, professor da Faartes, que restaurou a obra. “A Noite do Castelo” é a primeira ópera de Carlos Gomes, escrita quando o maestro contava com 25 anos de idade.



EXPOSIÇÃO VIRTUAL

Está disponível no espaço virtual da Galeria de Arte da Ufam (GAU) a exposição "Visualidades Profundas", que reúne obras de videoarte, poesia visual e videopoesia produzidas nas disciplinas Fotografia e Vídeo Digital e Poéticas Visuais, do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Acesse: <https://sites.google.com/ufam.edu.br/gau>



ARTE OCUPA

Conheça o coletivo de arte feito por artistas independentes na cidade de Manaus, entre eles os alunos da Faartes Anderson Cunha e Marcelo Rufi, e a aluna Sarah Campelo.

Acesse: [@arteocupa](https://www.instagram.com/arteocupa)



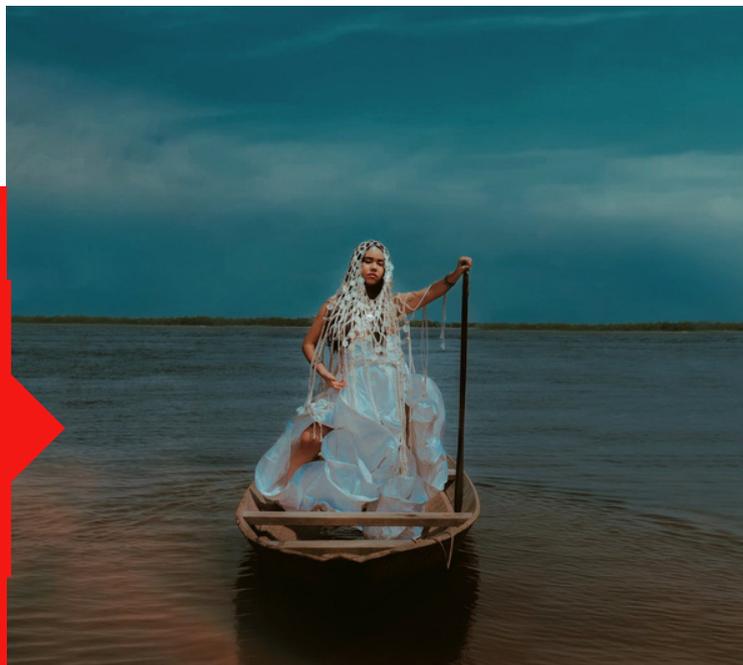
COLETIVO MAII

Mãos de artistas-pesquisadores manauaras compartilham em cada peça o amor pela cerâmica e seus processos.

Conheça mais: [@coletivomaii](https://www.instagram.com/coletivomaii)

DICAS

Primeiro álbum - A cantora e compositora amazonense Gabi Farias lançou seu primeiro álbum de estúdio, “Enchente”, disponível nas principais plataformas de streaming. Produzido de maneira independente, envolve a sonoridade da nova MPB com a participação de dez artistas da região Norte, eles dividem nove das onze faixas musicais com Gabi. Os produtores amazonenses Viktor Judah, André Ethos e Guilherme Bonates são os responsáveis pela produção e Gabi assina a direção artística e sonora do álbum junto com Judah.



Tour virtual - Google Arts & Culture é um site mantido pelo Google em colaboração com museus espalhados por diversos países. Utilizando tecnologia do Street View, o site oferece visitas virtuais gratuitas a algumas das maiores galerias de arte do mundo. Ao todo, o projeto tem mais de 2 mil instituições culturais parceiras, entre elas o MoMA (Nova York) e o Muséum d'Orsay (Paris).

Dicas de ouro: Como estudar música?

1. Crie playlists
2. Tenha fácil acesso ao seu instrumento
3. Estude um pouco todo dia
4. Conecte-se e encontre pessoas com interesses parecidos com os seus
5. Determine e escreva seus objetivos



MEMÓRIA DAS ARTES

Maria do Céu Lia Sampaio

Professora aposentada da FAARTES



“ O QUE FAZ ANDAR O BARCO
NÃO É A VELA ENFUNADA, MAS
O VENTO QUE NÃO SE VÊ...

(PLATÃO, 427-347 a.C.) ”

Com mais de 150 apresentações artísticas no currículo e 40 espetáculos inéditos apresentados no palco do Teatro Amazonas, a professora Lia Sampaio tem presença marcante nas áreas de produção coreográfica, consciência corporal e improvisação, principalmente em arte-educação, metodologia, dança e expressão.

Em sua carreira na Universidade Federal do Amazonas (Ufam), ela coordenou o curso de Educação Artística por diversas gestões, durante 17 anos, com participação em projetos de ensino, pesquisa e extensão, além de ter atuado como diretora e coreógrafa do Núcleo Universitário de Dança Contemporânea (Nudac). Lia Sampaio é reconhecida, ainda, como criadora da Metodologia Música e Movimento, reconhecida em mais de 73 cidades do Brasil. Atualmente, dirige a Cia. de Dança Lia Sampaio, em Manaus.

Na entrevista a seguir, a artista e pesquisadora baiana relembra sua trajetória na Ufam e comenta suas experiências no ensino de Artes.

Quem é Lia Sampaio?

Desde a minha formação na graduação, na década de 1970, segui os passos de grandes mestres, fortalecida por conceitos e vivências, regada a competência e disciplina. Inaugurei uma dança circular com o ambiente num processo inovador que proporcionava novas perspectivas de aprendizado, estabelecendo colóquios que favoreciam o contato com outros corpos e outras culturas, desenhando caminhos, literalmente de pés descalços, de pés no chão e com cheiro de terra.

Em 1982, iniciei minha carreira na Ufam, na licenciatura em Educação Artística, na companhia de Dalcroze, Willems, Laban, Fux, dos mestres Klauss Vianna, Rolf Gelewiski, Clyde Morgan. Entre outros não menos importantes, proseei sobre corpo, percepção, o sensorio e a intuição. Agreguei novos nichos, a partir do uso de elementos que fortaleciam conceitos e vivências, adquiridas numa trajetória regada a contextos, constituídos por uma diversidade musical e cênica, cultural e social.



Procurei seguir, fortalecida, os passos desses grandes mestres, agregando à metodologia novas perspectivas que buscassem nas imagens concretas, nas imagens dos sonhos e nas imagens abstratas uma energia criativa, apropriando uma linguagem analógica de símbolos e metáforas, no uso da música e do movimento que trabalhassem essas “imagens”, através da liberdade e da reciprocidade, elementos essenciais à construção e evolução social e cultural do indivíduo, estabelecendo novas perspectivas para a arte na universidade e suas interfaces com arte de fazer arte.

Como foram suas experiências na Ufam como professora?

Geograficamente, partia para um desafio, pois deixava minha cidade, minhas histórias, agregando novos conhecimentos e novos nichos, que pouco a pouco mesclavam uma trajetória nova e me apresentava um novo lugar.

Impactada pela exuberância amazônica, seus rios, suas matas, seus cheiros, seus sabores e seu povo hospitaleiro, construí uma rede de relações afetivas, de amizade e de comprometimento com a formação do arte-educador no Amazonas, que, entre tantas histórias e cumplicidades, desenhei ao longo de quase 40 anos, quando iniciei minha carreira no magistério superior na Universidade do Amazonas (FUA) - era assim, o nome da centenária Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

Trazendo muita saudade na mala e no coração, trouxe também uma metodologia inovadora, chamada Música e Movimento, apostando numa educação integral, trabalhando a dança, a música, as artes plásticas e outras atividades como instrumentos para resgatar e fortalecer a expressão pessoal e gestual, a autoexpressão e a cidadania.



O que a arte representava no ensino superior em seu período de docência na Ufam?

As propostas de artes e experiências vivenciadas no âmbito da Ufam eram de competência do Conservatório de Música Joaquim Franco e permitiam sistematizar princípios que se fortaleciam, a partir das experiências vividas, em momentos de grande sensibilidade estética, utilizando-se de todos os sentidos como forma de evidenciar o sentimento e o entusiasmo, para viver a arte com prazer e satisfação.

" SEUS ESPAÇOS PERMITIAM QUE PALAVRAS E SILÊNCIOS SE TRANSFORMASSEM EM GESTOS E QUE SONS SE ARTICULASSEM EM DIÁLOGOS COM OUTROS SABERES, PERMITINDO UMA CONSTELAÇÃO DE MENSAGENS, VEÍCULO DE CULTURA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE E CIDADANIA."

Assim, ingressei na Ufam naquela casa antiga guardada por tantas histórias e lá criei os grupos de música e movimento (crianças), dança juventude (jovens), e o Núcleo Universitário de Dança Contemporânea (Nudac). Nele atuei durante 17 anos como diretora e coreógrafa, produtora de espetáculos, responsável por produções culturais, instalações e exposições, promovendo atividades de arte na universidade, numa trilha que vaza do vasto espaço investigativo amazônico.



Como você trabalhava a perspectiva da integração das linguagens artísticas?

Isso acontecia por meio da disciplina obrigatória “Seminário de Integração Artística” e da disciplina optativa “Prática da Dança”, para o recém-criado curso de Educação Artística. Eram disciplinas que, na sua ementa, promoviam e estabeleciam ensaios abertos ao “risco e à aventura” sob a luz de Paulo Freire, num processo investigativo em diálogos possíveis através da exploração de signo, objeto e intérprete em momentos cênicos, numa leitura poética entre corpo e ambiente construído, ampliando territórios, possibilitando conversas num processo que se adequa ao ensino do pensamento criativo e sua diversidade cultural.

A metodologia evidenciada nas ementas das disciplinas descreve espaço e tempo, num discurso estético e artístico em contextos e mobilidades no processo, que se apresentam em diálogos múltiplos numa mistura entre a cultura do corpo e a cultura do lugar, desenhando a cada encontro uma história inserida em um sistema complexo, vivo, social e cultural.

Por muitos anos, seria a disciplina carro-chefe do referido curso, criado pelo grupo de professores do então Conservatório de Música, estabelecendo relações contemporâneas em tempos de construir, e, pouco a pouco, buscou dar identidade ao processo criativo, caminhando de mãos dadas a projetos culturais, numa investigação diversificada e valendo-se de recursos gerados pelas manifestações de signos e sinais exóticos advindos dos rios e da floresta, estabelecendo novas perspectivas para a arte na universidade e suas interfaces com a dança.



Quais projetos e/ou produções de sua autoria/coordenação foram marcantes?

Em 1982, a Ufam deu novos rumos à diversidade e pluralismo cultural, fazendo valer as vivências cotidianas através dos diversos signos teatrais, musicais e cênicos de forma transdisciplinar.

Em projeto ousado, foi criado um Núcleo de Dança numa instituição que não incluía a dança no seu contexto, quebrando paradigmas institucionais, estabelecendo e possibilitando a pesquisa de movimentos na diversidade do homem amazônida e sua relação com a comunidade amazonense.

Isso proporcionou aos universitários nítidas possibilidades no fazer arte, valorizando a liberdade de expressão e comunicação humanas, atentos aos aspectos contemporâneos da cultura local.

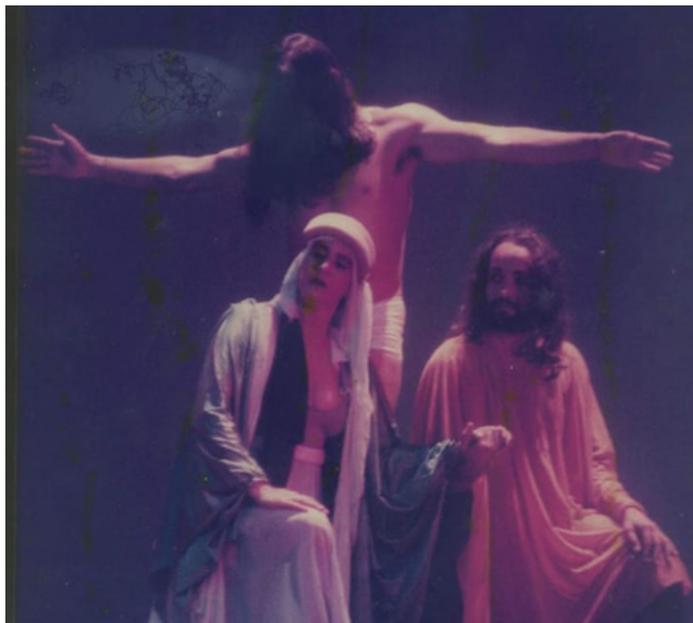
Abracei a ideia que se desvelava inovadora e desafiadora, indo além da burocracia e das minhas expectativas, abrindo frente a um projeto ousado de fazer dança num Conservatório de Música, numa Universidade que não tinha no seu contexto curso de Dança.

O Núcleo Universitário de Dança Contemporânea (Nudac) era voltado a universitários interessados em viver experiências no campo das artes cênicas, especialmente a dança. Foi dos “bancos universitários” que saíram os primeiros praticantes e participantes deste grupo transformador, um processo que proporcionou novas perspectivas de aprendizado, contextualizando um discurso que assegurava o fazer arte com qualidade, de forma investigativa, colocando a Ufam à frente de outras universidades brasileiras, o que antecipou a implantação do Setor de Artes (1987), hoje Centro de Artes (Caua).

Recebi o Nudac sob a “batuta” do Maestro Nivaldo Santiago, idealizador deste projeto, que junto ao então reitor Hamilton Mourão, fez o projeto funcionar. Em passos contemporâneos, o Nudac apresentou uma dança com propostas inovadoras a partir de diálogos múltiplos entre o corpo e o ambiente, nos círculos do habitat de uma universidade rodeada por floresta, rios, igarapés e cheiro de terra, num espaço aberto ao pluralismo,

impregnado de historicidade, trejeitos e gestos, e espalhando insights de gestuais expressivos da região, promovendo uma escuta particular do corpo, que certamente enriqueceram o conhecimento acumulado pelas pesquisas em dança no Brasil.

Com os professores Rosemara Barros (Música), Maria Dionéia Montefusco (Artes Plásticas), Elias Farias (Projetos) e Jorge Bandeira (Teatro), organizamos o material para o componente curricular “Arte na Educação Infantil” (2001, 2006), no Programa PROFORMAR da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).



Algum fato importante aconteceu para a transformação das artes na Ufam?

Em 1978, o Conservatório de Música se tornou Órgão Suplementar da Ufam e passou a ofertar cursos livres de extensão. Entretanto, havia a necessidade de ofertar cursos em nível superior na área de Artes, pois nesta época não havia na região norte, nenhum curso de formação nesse nível.

Em agosto de 1980, a Resolução nº 005/80 – Consuni criou e autorizou o funcionamento do curso de licenciatura em Educação Artística, vinculado, inicialmente, ao Departamento de Administração e Planejamento da Faculdade de Educação. Esta vinculação se deve ao fato de que as licenciaturas ficavam sob a responsabilidade da Faculdade de Educação da UA, naquela época.

O curso teve início no primeiro semestre de 1981, com oferta de 30 vagas. Em 14 de junho de 1984, a Resolução nº 013/84 – Consepe fixou o currículo pleno da licenciatura em Educação Artística, com opções de habilitação em Música ou Desenho.

A criação do curso de Educação Artística estava pautada nos princípios de Anísio Teixeira, entendendo educação como processo político e estabelecendo ideias básicas que norteassem o curso, possibilitando conversas com a diversidade cultural e a economia, de mãos dadas a projetos culturais e estabelecendo novas perspectivas para uma universidade e suas interfaces com a arte e a educação.

As expectativas eram muitas. Todos os envolvidos no processo acreditavam numa metodologia nova e de efeito. Seus poucos professores com formação na área de Artes lutavam por espaços adequados, por melhores instalações e equipamentos próprios que garantissem o pleno funcionamento do curso – o que se estendeu por muitos anos.

Enfrentamos todos os desafios. Mesmo lutando com dificuldades, seguimos acreditando no processo de aproximação entre a arte e a educação aberta, disponível a todos os medos e espantos, ao risco e à aventura, “porque sem risco não há cultura nem história”, como garante o mestre Paulo Freire (1997).



Qual mensagem daria a esta nova geração de arte-educadores em formação?

O ato de contar histórias de vida traz a perspectiva de produzir efeitos naqueles que porventura tenham a oportunidade de ler/ouvir as histórias contadas. Com o intuito de fortalecer os laços afetivos e de escuta, deixo aqui a reflexão e o encontro entre as gerações de arte-educadores do Brasil. Deixo marcas que persistem no ato de ensinar e aprender com todas as gentes, com seus saberes e sotaques, em águas claras e escuras.

Aprender e apreender sempre revelando processos, procurando, exibindo abordagens estéticas e poéticas. “cirandando” com propostas, sentindo e escutando o corpo em diálogos possíveis entre a cultura do corpo e a sabedoria popular.

DÁ UM GOOGLE

Tarsila através do espelho - “Abaporu”, de Tarsila do Amaral, é uma das pinturas brasileiras mais famosas. Ícone da primeira fase do modernismo no Brasil, a tela foi concebida em 1928 e oferecida por Tarsila ao seu marido Oswald de Andrade, como um presente. A sobrinha-neta da artista defende a tese de que a figura desproporcional que aparece na pintura seria um autorretrato de Tarsila, que se posicionou em frente a um grande espelho inclinado que havia em sua casa, tirando daí a sua inspiração.

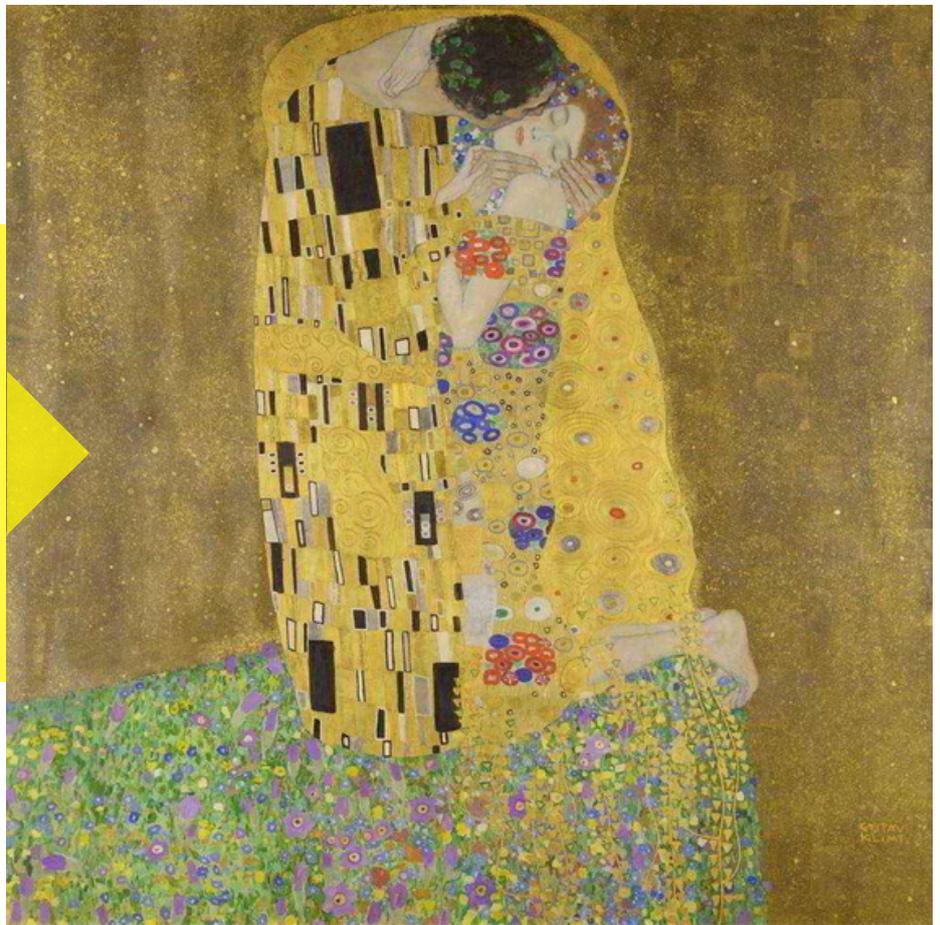


Os músicos mais práticos da história

- Com o aproximar da celebração dos 50 anos do “White Album”, dos Beatles, a CBS decidiu realizar, em outubro de 2018, uma grande entrevista com Paul McCartney, o baixista, cantor e autor que, com John Lennon, assinou a maioria das canções do quarteto de Liverpool.

“É embaraçoso”, confessou ao programa “60 Minutes”, da CBS. “Eu não leio nem escrevo música. Nenhum de nós sabia, nos Beatles. Apesar disso, fizemos algumas coisas boas. Mas nada do que fizemos foi escrito [na pauta] por nós. Trata-se, basicamente, de notação musical [a forma escrita de representar peças musicais]. Essa é a parte que não consigo fazer. Porque não vejo a música assim. Não vejo...”, disse.

Material nobre - Uma das obras mais divulgadas mundialmente e que estampa objetos diversos na atualidade é “O beijo”, do austríaco Gustav Klimt. Produzida em 1908, a tela retrata o amor de um casal e faz parte da chamada fase dourada do artista, que utilizou folhas de ouro como um dos materiais.



Concerto mais longo do mundo - O dia 05 de fevereiro de 2022 foi especial para a comunidade de pessoas que curte a música experimental. Nesse dia, houve a 16ª mudança de acorde na música “Organ²/ASLSP (As SLOW aS Possible)”, de John Cage (1912-1992), que está sendo tocada em uma igreja da Alemanha desde 2001 e só vai terminar no ano 2640. A próxima mudança de acorde só acontecerá no dia 05 de fevereiro de 2024. Ainda dá tempo de ir lá apreciar o concerto.

Confira o vídeo da última mudança de acorde:

<https://www.youtube.com/watch?v=iFmaATli4Q>



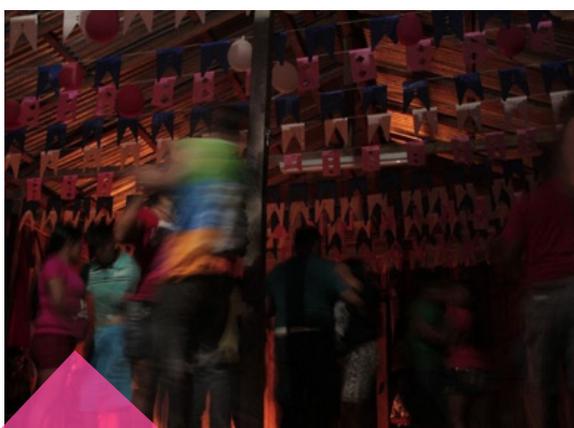
SE LIGA, HEIN!

Exposição - O Centro de Artes da Universidade Federal do Amazonas (Caua/Ufam) realiza, até 29 de abril, a segunda parte da exposição "Artistas mulheres no acervo do Caua", para difundir obras de mulheres artistas que integram o acervo do espaço. A exposição ficará em cartaz na Galeria do Caua, situada na rua Monsenhor Coutinho, 724, Centro. A curadoria é da diretora do Caua, professora Priscila Pinto Maisel, e da museóloga e também professora Regina Vasconcellos.



Enecult - Estão abertas as inscrições para o XVIII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Enecult), que será realizado de 09 a 12 de agosto de 2022, em formato híbrido. Trabalhos serão aceitos para submissão até o dia 25 de abril. O evento é promovido pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). **Mais informações:** www.cult.ufba.br/enecult

Artes Plásticas - O 31º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (Anpap) acontece de 26 a 30 de setembro, em formato online, com o tema "Existências". Neste ano, o evento convida a refletir sobre as múltiplas possibilidades de existências dos seres humanos e suas relações com o planeta. Acesse as diretrizes do evento em <http://www.anpap.org.br>.



Festival Kariwa Bacana - A música kuximawara, símbolo de resistência cultural no município de São Gabriel da Cachoeira, interior do Amazonas, é inspiração para o Festival de Música Kariwa Bacana. A produção amazonense foi contemplada pelo edital Natura Musical. Com realização prevista para o segundo semestre de 2022, o festival é produzido por Patrícia Borges e Agenor Vasconcelos, em parceria com João Paulo Barreto, coordenador do Centro de Medicina Indígena Bahserikowi. A proposta é reunir apresentações de músicos da região do Alto Rio Negro e de outras cenas de música independente da região.